

## NOTA EDITORIAL

Ana Maria de Bulhões-Carvalho e Joana Ribeiro

O **DOSSIÊ: OLHARES SOBRE A DANÇA**, que agora publicamos neste **n.1 do vol.7 de OPERCEVEJO ONLINE**, agrupa artigos recebidos de demanda espontânea, selecionados para compor um conjunto de reflexões sobre modos de apreciação e de criação em dança contemporânea.

Com muita delicadeza, procurando acompanhar os gestos que se desenham na cena, Maria Alice Poppe foi escolhida para abrir o número para falar de seu trabalho em dupla com a mestra Angel Vianna. Busca “evocar Angel em sua disponibilidade irrestrita para as demandas do presente” que se manifesta, ainda segundo a autora, “na forma como transforma sua vida em ritmo, espacialidade, dança”. É o que se percebe ao acompanhar o desenrolar do espetáculo “Qualquer coisa a gente muda”, criado pelo coreógrafo João Saldanha em celebração dos 87 anos da artista. Ao abrir o número com esta matéria, opercevejo online quer agregar sua homenagem à tenacidade, vigor e qualidade do trabalho de Angel Vianna, sessenta e dois anos de dedicação à dança. Exemplo de perpétua renovação, Angel postula a dança como o movimento que faz o corpo em sua permanente mudança: “Hoje você capta bem o corpo, amanhã se você desvia a atenção você pode escapulir disso. Você pode estar cansado ou irritado, o que modifica a sua entrega de peso em relação ao chão e isso modifica toda a sua presença em cena.” Esta alerta para a atenção e prontidão são uma forte herança que a escola que criou lega para seus afiliados e seguidores. Que não são poucos aqui no Rio de Janeiro.

Aberto para as vicissitudes do novo é também o olhar de Juliana Rodrigues Moraes, quando aproxima a coreografia, como desenho para a especialização dos movimentos do corpo do dançarino, da instalação, forma tridimensional de ocupação do espaço pela arte contemporânea. Como dançarina, atçada pela visita a três instalações, mobilizada, ou pela forma, ou pelos sons ou pelos efeitos de uma névoa ambiental, moveu também o pensamento nesta direção, de modo a imaginar possível um caminho de mão dupla entre as duas manifestações artísticas. Percebendo-se espectadora participante, emancipada do modo como propusera Rancière em seu famoso artigo, Juliana passa a transitar por exposições em que a interação se dá intensamente, mas de forma mais global, levando o espectador a criar uma dramaturgia para o espaço em que circula. O

exemplo mais explícito do que diz está na visita a “Desvio para o vermelho”, de Cildo Meireles. A passagem dessas inferências para o campo da dança se dá, no artigo, pela referência à coreógrafa paulista Marta Soares, que usa a expressão “partituras coreográficas de combinação de corpos”, para nomear sua proposta de trabalho com corpos em movimento, numa quase instalação. A proposta de Juliana é de suspensão das fronteiras conceituais rígidas, de modo a que a “imbricação teórica” possa se dar “para além do entendimento, comum, de que as instalações aproximam-se da performance ao implicar o corpo do espectador, enquanto a dança vem se aproximando da performance ao se desligar do palco italiano”, por exemplo.

Em Repensando a dança contemporânea, Juliana Silveira e Julia Vitiello exploram os desdobramentos da leitura do livro de Laurence Louppe, *Poética da dança contemporânea* (2012). Ao adotarem a possibilidade de indistinção entre a dança moderna e o que é chamado de dança contemporânea, na esteira de Louppe, as autoras querem com isso trazer uma aproximação aos ganhos obtidos para a dança pelos estudos do (BMC) *Body-Mind Centering* em seus propósitos de trabalhar o refinamento da percepção corporal, criando um “campo de investigação, que será bastante explorado pelos bailarinos a partir do século XX”. De algum modo, essa lógica aproximativa também quer trazer modos menos ortodoxos de pensar limites e tradições.

Ao valorizar a escuta extraordinária, Andreia Aparecida Paris aproxima a noção de espaço rítmico, presente na obra de Adolphe Appia, do início do século XX a alguns conceitos de *viewpoints*, defendidos pela norte-americana Anne Bogart, para acompanhar a exploração do espaço pelo deslocamento consciente do corpo do ator. Não é propriamente de dança que falam, mas aproximam-se da preocupação com espaço e movimento da mesma forma ampliada que anteriormente veio sendo usada pelos autores para determinados conceitos aproximativos da dança com outras artes, pelo deslocamento participativo dos corpos. É bom observar que o sistema *viewpoints* foi cunhado originalmente em seis pontos de vista pela coreógrafa norte-americana Mary Overlie, apropriado e desenvolvido em nove pontos de vista por Anne Bogart e Tina Lindau. Ou seja, migrou da Dança para o Teatro. Ver em *opercevejo online* vol. 2 n. 2 (2010), dossiê Corpo Cênico.

Esses primeiros **Artigos** dialogam mais diretamente com o **Dossiê**. Mas na sessão seguinte, publicamos **Estudos** voltados para as **Questões formativas**, ao observarem trabalhos realizados em intervenção urbana e ao discutirem a adequação

de conteúdos para a disciplina Expressão corporal na formação de atores, e foram escritos, respectivamente, por Juliana Sampaio e Ana Flavia Mendes.

Compõem ainda este número uma longa **Entrevista** de Joana Ribeiro, coeditora do número, com a atriz Marília Pêra, em que se pode apreciar o modo como fala de seu desempenho como artista e de quanto houve, em sua vida profissional, uma grande confluência entre a dança e a expressão corporal, a sustentar seu desempenho cênico, no teatro, no cinema e na televisão.

Também há uma sessão **Tradução** feita por Rafaela Scardino, do *Monólogo obrigado*, peça do escritor argentino Sebastián Huber, em que a ambiguidade do segundo termo esclarece-se pelo exacerbado estranhamento do texto.

E a última sessão, **Intervenções** – criada para propor diálogos que permitem relacionar linguagens, pontos de vistas e formas de expressão –, estão dois textos. Primeiro o ensaio do poeta e crítico chileno Andrés Ajens, uma nova aproximação de Silviano Santiago, escritor a quem já homenageara nos poemas de *Santiago, Viagem ao*, que publicamos no n.1 vol. 5, 2013, que agora retoma em referência ensaístico-poética ao mesmo livro, *Viagem ao México*, em que o brasileiro segue alterbiograficamente os passos de Antonin Artaud em viagem ao México. Os jogos de linguagem de Ajens refazem, em abismo, os jogos já ousados por Silviano em relação a Artaud, deixando visíveis no discurso as marcas de um apagamento que quer revelado, como ele já fizera com o título do livro de poemas, em que aparece a falata dos nomes Silviano e México, permanecendo em ordem inversa Santiago e Viagem ao. A esta homenagem pastichada, segue-se uma outra, a Crônica de uma quase entrevista para uma quase matéria, escrita por Andréia Elias, uma crítica humorada aos males que podem acometer e ameaçar uma entrevistada, quando surpreendida por jornalista mal preparada. Uma homenagem em tom menor, mas que ressalta a dignidade de Angel Vianna que, por este gesto, fecha o número.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

